



Jornal de Itaipu Eletrônico (JIE)

NEM MÍOPES, NEM APAIXONADOS

O INTERESSE POR PAUTAS SOBRE MATRIZ ENERGÉTICA NÃO PODE FECHAR OS OLHOS À QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE, MAS A COBERTURA DESSES SETORES NA MAIORIA DOS VEÍCULOS BRASILEIROS AINDA NÃO É EQUILIBRADA

POR GUILHERME BORGES
COLABORAÇÃO DE SÃO PAULO

"Senhores estrategistas, à mesa, por favor!". Caso fosse assim — à antiga — que o presidente Luiz Inácio Lula da Silva resolvesse planejar o desenvolvimento do país, não poderia deixar de oferecer assento tanto aos especialistas em energia quanto em sustentabilidade. Os dois temas, em parte por modismo, mas prioritariamente por urgência, estão na ordem do dia da sociedade brasileira.

O país vem sendo alçado à posição de nação-chave nas discussões econômico-ecológicas internacionais. As dimensões continentais e a riqueza de biodiversidade, somadas à capacidade de geração de energia, justificam o lugar que o Brasil tem assumido. Internamente, as discussões públicas sobre o desenvolvimento energético brasileiro ainda engatinham. Questiona-se amiúde se a imprensa nacional tem dado conta de auxiliar na construção do debate sobre os rumos do país neste estratégico e delicado setor. Especialistas e jornalistas divergem a respeito e revelam a urgência em discutir propostas para a sociedade.

O pesquisador e professor do Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP (IEE), José Goldemberg, afirma que "as discussões públicas sobre o desenvolvimento energético no Brasil não são maduras". Para o físico, imprensa e governo não têm conseguido incluir os brasileiros na discussão sobre a matriz energética e o desenvolvimento do país, tratando a questão de maneira polarizada. "Raramente vejo os aspectos econômicos e ecológicos dialogando nas matérias jornalísticas. Há um sabor ambientalista forte nos jornais, e os canais de televisão parecem sensíveis à posição do governo, que por sua vez não consegue colocar as discussões de maneira clara e firme", argumenta o especialista, ex-secretário do Meio Ambiente da Presidência da República e do Governo de São Paulo.

Se energia e ambiente são tratados de maneira segmentada — o primeiro tema geralmente ganha espaço nas editoriais de economia e política, e o segundo em cadernos especiais ou cotidiano — certamente não é por pura escolha editorial dos veículos. "Reflete a visão [da] sociedade brasileira, que separa ambiente de economia, política, cultura; como se o primeiro não fosse elemento constitutivo de todos os outros", teoriza o jornalista Washington Novaes. A própria organização dos governos, que divorcia a pasta do ambiente das demais, exemplifica o argumento do colunista dos jornais *O Estado de S. Paulo* e *O Popular*, e consultor de jornalismo da TV Cultura. Para Novaes, o primeiro passo para a imprensa romper com esse modelo e fazer energia



e sustentabilidade dialogarem é ir à raiz da questão e debater — em profundidade — a matriz energética brasileira. "Não é possível pensar somente em megaprojetos para o setor energético brasileiro, há outros caminhos possíveis e isso precisa ser discutido."

Como exemplo, Novaes destaca um estudo da Unicamp, encomendado pela WWF Brasil, que aponta uma redução de 40% na demanda por energia até 2020 caso o governo lance programas de conservação energética e dobre o uso de fontes renováveis. Intitulado "Agenda Elétrica Sustentável 2020", o documento lançado em setembro de 2006 destaca que o país possui grupos "que podem realizar diagnósticos, propor e executar projetos de eficiência energética". Entretanto, o estudo ressalta que é necessária a implementação de políticas públicas para o setor energético, ação que deve ser encampada pelo governo.

POLARIZAÇÃO DAS PAUTAS

A especialista em políticas públicas do Programa de Mudanças Climáticas e Energia da WWF Brasil, Karen Suassuna, avalia que as crises energéticas e as discussões sobre mudanças climáticas melhoraram a cobertura da imprensa brasileira sobre o tema e contribuíram para um diálogo entre tecnologia e sustentabilidade. "Mas, ainda assim, percebo que o ambiente sempre é visto como um empecilho para o desenvolvimento", ressalva. Para Rachel Biderman, coordenadora adjunta do Centro de Estudos em Sustentabilidade da Fundação Getúlio Vargas, falta integração entre os temas. "Há uma tendência na imprensa brasileira de enaltecer o setor do petróleo,



Divulgação

talvez por uma questão de orgulho nacional, mas o problema é a falta de crítica, porque esse setor vai na contramão do que se discute atualmente do ponto de vista da sustentabilidade." Como exemplo, ela destaca as matérias sobre o pré-sal, que, segundo sua avaliação, foram tratadas apenas do ponto de vista do desenvolvimento econômico e não dos impactos ambientais. "O pré-sal só existe como salvação da lavoura? Cadê os questionamentos sobre a sustentabilidade? E os investimentos em novas tecnologias? Por que estas perguntas não foram feitas?", enfatiza.

Falta de conhecimento e domínio sobre o tema pode ser uma *razão*. Para o superintendente de comunicação da Itaipu Binacional, Gilmar Piolla, "existem raríssimas exceções, mas via de regra a imprensa não entende como funciona o sistema energético brasileiro". Ele argumenta que não sabe se a dificuldade está nas assessorias de imprensa que não conseguem auxiliar os repórteres ou se está na falta de especialização. "Piora se a pauta cai para a questão ambiental, pois o tratamento é catastrófico, geralmente engajado e repleto de desinformação", critica.

O diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), Adriano Pires, suaviza, mas mantém a crítica: "A cobertura é boa, dada a precariedade da estrutura das redações no Brasil. Com exceção dos

grandes veículos, o jornalista pode ser chamado a cobrir o setor energético e a área policial, sem qualquer especialização nos temas". A saída, ele aponta, está na capacitação das equipes. "O jornalista que entende de infraestrutura vai fazer o link entre economia, ambiente e os marcos regulatórios."

VENTOS DE MUDANÇA

Esse cenário de polarização do debate e falta de especialização dos jornalistas tende a se modificar nos grandes veículos brasileiros. Cadernos especializados e enfoques "sustentáveis" têm desafiado as redações. No jornal *Zero Hora*, em Porto Alegre (RS), o recém-lançado "Nosso Mundo Sustentável" tem a proposta editorial de vincular economia e ambiente. "O diálogo não é fácil, mas estamos tentando", adianta a editora Anna Martha Silveira. A ideia, segundo afirma, é criar um espaço onde os repórteres possam ter a "cabeça fresca" para propor novos olhares às matérias. "A mudança está em curso, o jornalista ainda não está preparado, mas vai precisar fazer isso. A tendência [do viés integrado entre economia e sustentabilidade] é internacional e vai chegar aqui. A questão é que, na rotina da redação, é difícil ter cabeça para pensar de modo mais amplo."

Atento a isto, o novo caderno do diário gaúcho não tem repórteres específicos. Todos os profissionais, das várias editorias, são chamados a produzir com o olhar integracionista. "É um desafio, porque a proposta surgiu de uma inquietação interna, mas não havia modelo no Brasil", destaca Anna Martha. Na edição do dia 22 de março, o caderno tratou da construção de duas usinas hidrelétricas no rio Uruguai. A matéria foi feita pela repórter da editoria de Economia, mas foram incluídas informações sobre o impacto socioambiental.

Se a experiência gaúcha de "esfriar a cabeça" dos repórteres cria novas possibilidades para o mercado brasileiro, em outros veículos com editorias bem demarcadas, o olhar "integrado" entre economia e ecologia ainda depende do empenho individual. No *Valor Econômico*, a repórter especializada em energia, Josette Goulart, reconhece a segmentação entre os temas, mas ressalta que existe uma mudança em curso. "Os repórteres estão mais preocupados com o equilíbrio. Eu não posso ignorar que qualquer ação, embora economicamente importante para o país, tem impactos ambientais. O jornalista não pode ser apaixonado por ambiente, nem míope para a questão econômica", sugere. Segundo Josette, a dificuldade de integração entre os temas também é reflexo do enxugamento das redações e da formação profissional de má qualidade. "A gente vive

FONTES E FONTES

A seguir, dez instituições que podem ajudar o jornalista a construir a própria ponte entre o setor energético e a pauta ambiental:

[ENERGIA]

- Centro Brasileiro de Eficiência Energética (Procel Info)
www.eletronbras.com/pci | (21) 2514-5900
- Instituto de Eletrotécnica e Energia da USP (IEE)
www.iee.usp.br | (11) 3091-2644
- Operador Nacional do Sistema Elétrico (NOS)
www.ons.org.br | (21) 2203-9400
- Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Conservação de Energia (Abesco)
www.abesco.com.br | (11) 3549-4525
- EPE - Empresa de Pesquisa Energética
www.epe.gov.br | (21) 3512-3100

[AMBIENTE]

- Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV (CES)
www.ces.fgvsp.br | (11) 3799-3342
- Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da USP (Procam)
www.usp.br/procam | (11) 3091-3235
- WWF Brasil
www.wwf.org.br | (61) 3364-7400
- Instituto Socioambiental (ISA)
www.socioambiental.org | (11) 3515-8900
- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)
www.icmbio.gov.br | (61) 3341 9101

um jornalismo declaratório que até pode servir em alguns veículos mais imediatistas, mas nos jornais é preciso mais apuração, pluralidade e reflexão."

SISTEMA EM CHEQUE

A mudança que integrará de forma equilibrada a cobertura econômica e a ambiental pode passar, necessariamente, pela formação do jornalista. "O diálogo entre setor energético e ambiental é possível, desde que cada lado não fique reforçando apenas o próprio ponto de vista. Para isto, o repórter deve saber filtrar as informações que recebe, mesmo que esta venha da academia ou de centros de pesquisa", aponta o jornalista e professor da Universidade

Metodista de São Paulo, Wilson da Costa Bueno. Ele aponta dados do MEC sobre 313 cursos universitários de comunicação social do país, nos quais menos de 10% têm disciplinas de jornalismo científico, especializado ou ambiental na grade curricular. Além disso, ele questiona a falta de incentivo do governo à pesquisa em comunicação no Brasil. As fontes de fomento seriam escassas se comparadas com outros cursos das universidades brasileiras.

Além da formação profissional, o acesso do repórter às fontes da academia também pode ser um caminho para uma ampliação da cobertura do setor energético. "Os pesquisadores podem ajudar o jornalista a traduzir os documentos técnicos. Não vejo essa tradução na imprensa brasileira", aponta Rachel Biderman, do Centro de Estudos em Sustentabilidade da FGV.

Em 2009, o Ministério de Minas e Energia (MME) publicou dois documentos técnicos que poderiam orientar a cobertura da imprensa sobre matriz energética. Um deles, em dois volumes, é o Plano Decenal de Energia 2008-2017, que expõe os caminhos a serem percorridos pelo governo brasileiro na expansão da demanda e oferta de diversos setores energéticos do país. Outros documentos e estudos são publicados recorrentemente pelo MME e pela própria FGV, entre outras instituições. O problema, muitas vezes, é a necessidade de tradução por especialistas e pesquisadores. Assessores ou consultores podem ajudar. Na Universidade de Oxford, por exemplo, a própria instituição disponibiliza profissionais para fazer a ponte com a imprensa. Karen Suassuna, da WWF Brasil, conta que no instituto que desenvolveu sua pesquisa de mestrado havia um profissional contratado para fazer a interface com a imprensa. "Há cadernos especiais sobre energia e sustentabilidade nos jornais britânicos. Lá, os jornalistas são especializados e se restringem a esta cobertura. Todo dia havia um repórter lá."

Mas se a relação com a academia pode ser uma saída, também exige cuidado, pois é crescente a quantidade de professores-pesquisadores que atuam em empresas de consultoria ou que têm uma visão engajada sobre preservação ambiental. O jornalista Washington Novaes, além de incentivar a melhor formação dos profissionais de imprensa, defende que a melhora na cobertura do setor energético no país passa por uma tomada de posição dos veículos de comunicação. "Propor um debate franco exige uma mudança no modelo de desenvolvimento, no modelo de gestão pública e na organização dos governos. Um novo modelo sustentável. A imprensa está preparada para colocar o sistema em cheque?", provoca.